

# VOZES REVELADAS: MAPEANDO A REDE DE INTERAÇÃO DE COMUNIDADES DE MULHERES NEGRAS NO YOUTUBE

## UNVEILED VOICES: MAPPING THE INTERACTION NETWORK OF BLACK WOMEN COMMUNITIES ON YOUTUBE

Camila Lima Pontes de Mello **1**

**Resumo:** A pesquisa examina a interação de comunidades de mulheres negras no YouTube. Utilizando a Análise de Redes Sociais (ARS), explora os canais de "Nátaly Neri", "Gabi Oliveira" e "Ana Paula Xongani", investigando como se conectam na plataforma. Revela a formação de clusters coesos entre os canais de "Ana Paula Xongani" e "Gabi Oliveira", enquanto "Nátaly Neri" mantém conexões mais fluidas. A análise revela uma rede complexa de conexões, destacando a persistência e consistência das interações ao longo do tempo. Demonstra que as mulheres negras utilizam o ciberespaço como campo de resistência e empoderamento, compartilhando narrativas e buscando autodefinição. O estudo identifica uma comunidade engajada, focada na subjetividade negra e na cultura do compartilhamento, desafiando a ideia de efemeridade das comunidades virtuais.

**Palavras-chave:** Análise de Redes Sociais. Comunidades virtuais. Mulheres negras. YouTube.

**Abstract:** The research examines the interaction of communities of Black women on YouTube. Using Social Network Analysis (SNA), it explores the channels of "Nátaly Neri", "Gabi Oliveira" and "Ana Paula Xongani" investigating how they connect on the platform. It reveals the formation of cohesive clusters between the channels of "Ana Paula Xongani" and "Gabi Oliveira," while "Nátaly Neri" maintains more fluid connections. The analysis reveals a complex network of connections, highlighting the persistence and consistency of interactions over time. It demonstrates that Black women use cyberspace as a field of resistance and empowerment, sharing narratives and seeking self-definition. The study identifies an engaged community focused on Black subjectivity and the culture of sharing, challenging the idea of the ephemerality of virtual communities.

**Keywords:** Social Network Analysis. Virtual Communities. Black Women. YouTube.

---

**1** Doutoranda do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos da Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em Direitos Humanos pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos da Universidade Federal de Goiás (UFG). Master of Laws em Direito Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (FGV/RJ). Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0826341776689168>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3298-0504>. E-mail: [camilalpm@gmail.com](mailto:camilalpm@gmail.com)

## Introdução

A transição para a web 2.0 marcou uma revolução significativa no acesso e na produção de informações. A capacidade de criar, comentar e interagir com o conteúdo foi democratizada em larga escala, abrindo oportunidades para que grupos minoritários pudessem não apenas criar seu próprio conteúdo, mas também participar ativamente de sua distribuição. Essa mudança representou um marco crucial na inclusão e na diversidade de vozes na esfera digital, proporcionando engajamento coletivo e plataformas de expressão de ideias e identidades.

As minorias sociais emergiram de maneira notável no cenário midiático da web 2.0, pois redes sociais, *blogs*, *vlogs* e outras formas alternativas de comunicação surgiram organicamente<sup>1</sup> como fontes de expressão identitária.

É fundamental desvendar as estratégias discursivas utilizadas por grupos minoritários para enfrentar a violência simbólica imposta pela mídia hegemônica e, a partir disso, construir suas próprias definições. Esse movimento não apenas desafia a visão convencional da mídia sobre quem detém o controle da informação, mas também amplia os horizontes da solidariedade e da participação democrática ao permitir que vozes antes marginalizadas sejam ouvidas e contribuam ativamente para os debates sobre direitos humanos e questões sociais.

No ciberespaço, os usuários não apenas exploram, mas também atualizam informações simultaneamente. Essas interações podem enriquecer ou modificar conteúdos, transformando o ambiente virtual em um veículo de inteligência e de criação coletiva (Lévy, 1999). As plataformas de mídia social não apenas unem pessoas, mas também, como é demonstrado pela presente pesquisa, formam comunidades coesas baseadas em interesses comuns, ampliando os espaços de apoio e integração social para grupos minoritários, a exemplo das comunidades de mulheres negras brasileiras.

Levando isso em consideração, as mulheres negras enfrentam uma dupla marginalização, sobrecarregadas pela discriminação de gênero e pela opressão racial. Collins (2016) destaca que o empoderamento dessas mulheres se efetiva por meio de processos como autodefinição e autoavaliação. Esses elementos se mostram cruciais para capacitar as mulheres negras a resistirem à ideologia dominante, reafirmando suas identidades e fortalecendo sua autonomia dentro da sociedade.

O propósito desta pesquisa é explorar as redes de interação estabelecidas por mulheres negras na plataforma do YouTube. O YouTube foi selecionado como foco deste estudo devido à sua capacidade, com o suporte tecnológico de *softwares* específicos, de delinear redes de interação de forma detalhada, possibilitando a extração e visualização aprimorada dos conteúdos compartilhados por cada comunidade.

Após uma pesquisa algorítmica e exploratória dos canais de mulheres negras ativas na plataforma, optou-se por selecionar os canais das youtubers “Nátaly Neri”, “Gabi Oliveira” e “Ana Paula Xongani”.

Assim, este estudo explora, por meio da Análise de Redes Sociais (ARS), o desenvolvimento dessas comunidades virtuais, buscando entender como se conectam na plataforma, com o intuito de responder ao seguinte problema de pesquisa: essas comunidades estabelecem conexões entre si por meio de comentários de usuários?

O artigo será estruturado da seguinte forma: apresentação da metodologia utilizada, exposição dos aportes teóricos no tópico “YouTube, comunidades virtuais e empoderamento da mulher negra”, análise das interações encontradas no tópico seguinte: “As interações entre os canais” e, por fim, as considerações finais.

## Metodologia

A perspectiva deste artigo é predominantemente qualitativa, embora também incorpore

<sup>1</sup> A evolução orgânica das manifestações no ciberespaço é resultado de um processo espontâneo e descentralizado, onde as pessoas se apropriaram das ferramentas digitais disponíveis para compartilhar suas histórias e construir comunidades online baseadas em identidades compartilhadas e experiências comuns.

elementos quantitativos, tais como a Análise de Redes Sociais e a seleção dos canais a serem estudados. A escolha seguiu a lógica dos algoritmos do YouTube e a iniciativa da plataforma em promover a inclusão, exemplificada pela campanha #YouTubeNegro, na qual diversos youtubers e canais participaram.

A seleção dos canais foi embasada em uma pesquisa inicial utilizando os termos “youtube+negro” na barra de pesquisa do YouTube. A partir desse ponto, conduziu-se uma investigação exploratória que levou em consideração o engajamento com causas sociais, a relevância e a atividade na plataforma, bem como a qualidade do conteúdo produzido por cada uma dessas criadoras de conteúdo. Desta feita, foram selecionados os canais: “Nátaly Neri”, “Gabi Oliveira” e “Ana Paula Xongani” para esta análise.

As *youtubers* são homônimas das comunidades que criaram e são todas mulheres negras. Elas abordam temas variados que sempre perpassam pela cultura negra: moda, beleza, adoção, sexualidade, cultura popular, meditação, mercado de trabalho e etc.

A ARS se dedica ao estudo da estrutura dos vínculos sociais entre um conjunto de atores, que podem ser indivíduos, grupos ou organizações. Essa disciplina, intimamente ligada à sociologia, proporciona uma compreensão mais profunda do significado das relações entre esses atores sociais, incluindo seus comportamentos, atitudes e opiniões. É nesse sentido que Recuero, Bastos e Zago entendem:

O que chamamos de Análise de Redes Sociais (ARS) refere-se a uma abordagem de cunho estruturalista das relações entre os atores e sua função na constituição da sociedade. A ARS compreende, assim, um conjunto teórico e epistemológico focado na compreensão dessas estruturas sociais e seu papel. Em sua base metodológica, a ARS utiliza-se de um conjunto de métricas e técnicas de pesquisa utilizadas para descrever a relação entre nós (atores, vértices) e suas conexões (arestas). (Recuero, Bastos e Zago, 2015, p. 39).

A ARS é a ferramenta metodológica adequada para identificar e analisar as conexões entre grupos sociais. Como explicam: “Há todo tipo de conexão entre os atores nas redes sociais (...) essas conexões são representadas pelas arestas entre os nós e referem-se aos elementos de conexão que são decididos e apontados pelo pesquisador” (Recuero, Bastos e Zago, 2015, p. 54).

No que diz respeito às conexões, as redes podem ser de dois tipos: associativas ou emergentes; as redes associativas denotam relações de associação (como quem segue ou se relaciona com quem) e as redes emergentes requerem dados sobre as interações (como uma rede de comentários) (Ibid.).

Outras duas perspectivas que dominam a ARS e relacionam-se com a maneira como os dados são coletados: a rede inteira e egocentrada (Recuero, Bastos e Zago, 2015). A perspectiva de rede inteira analisa a estrutura geral da rede a partir de um tema (uma *hashtag*, por exemplo); procura padrões que indiquem grupos sociais coesos, atores centrais que podem ser fundamentais para a integração da rede social; e observa assimetrias. A perspectiva egocentrada parte da coleta de dados a partir de determinado ator e centra-se na composição das estruturas de rede. A limitação da coleta está na distância geodésica de ego:

A coleta de uma rede ego pode acontecer de uma distância de um grau (ego e conexões de ego) 1,5 grau (ego, conexões de ego e conexões entre conexões de ego), dois graus (ego, conexões de ego e conexões de conexões de ego) etc. Nesses casos, ego será sempre o centro da rede (Ibid. p. 60).

As redes também podem compreender grafos direcionados e não-direcionados. Um grafo direcionado apresenta flechas que indicam se os nós são ou não conectados entre si, já um grafo não direcionado não faz essa distinção, suas conexões são marcadas por arestas curvas ou em linhas, sem indicação de reciprocidade (Ibid.).

As principais métricas da ARS envolvem a identificação de laços sociais fracos e fortes entre os atores, levando-se em consideração o grupo em que inserem. As métricas são algorítmicas e

podem relacionar-se aos nós e/ou à rede em si.

Considerando isso, foram mapeadas as interações de “co-comentários” de usuários em 15 vídeos com mais comentários de três canais diferentes: “Nátaly Neri”, “Gabi Oliveira” e “Ana Paula Xongani”. Ou seja, situações em que um mesmo usuário comenta em pelo menos dois vídeos de canais diferentes. Quando isso acontece, a interação é registrada, o que ajuda a aferir o grau de intensidade dos laços entre as comunidades. Quanto mais usuários realizam esse tipo de interação entre os diferentes canais, mais forte é a conexão percebida entre eles.

A seleção dos 15 vídeos mais comentados - 5 de cada canal - foi baseada na intenção de capturar um número significativo de interações para criar uma rede associativa. A escolha de mais vídeos poderia gerar uma quantidade excessiva de interações, então houve uma delimitação do *corpus* para manter a análise mais concisa.

Essa abordagem permite identificar a intensidade das interações sociais entre as comunidades analisadas, indicando possíveis sobreposições de interesses ou engajamento entre os seguidores das diferentes *youtubers*.

O mapeamento de dados foi possível por meio de dois softwares: “*YouTube Data Tools*” e “*Gephi*”. O primeiro software buscou as informações levando-se em consideração o YouTube API (*Application Programming Interface* ou Interface de Programação de Aplicativos, em português é um conjunto de padrões de programação que permite que um software se comunique com outro). O segundo programa, Gephi, foi utilizado para gerar e modular a rede construída pelas conexões referenciais de comentários entre os 15 vídeos.

Os 5 vídeos mais comentados de cada canal estão organizados na tabela a seguir:

**Tabela 1.** Vídeos analisados

Canal	Título do vídeo	Data de publicação	Nº de comentários
<b>Nátaly Neri</b>	Apropriação cultural existe? Pode branca de turbante?	15/02/2017	15.458
	#EleNão Didaticamente	24/10/2018	7.806
	Uma semana sem make e cabelo natural: um experimento	13/12/2017	4.091
	Colorismo ser negro e os 3 mitos da mulher negra	01/02/2016	4.074
	ASMR - Meditação com óleos essenciais	25/08/2020	3.790
<b>Gabi Oliveira</b>	Vamos falar sobre Lívia Zatury?	20/01/2020	15.167
	Tour Pelo Meu Rosto	13/01/2018	14.489
	Respondendo Haters	17/10/2017	10.293
	Negro ou preto?	05/06/2017	7.446
	Cabelo 4c igual bombril e responsabilidade	23/12/2018	5.852

Ana Paula Xongani	Barbies Negras, quem nunca sonhou?!	11/04/2017	1.888
	Eu tenho pressa	15/05/2018	1.165
	Minha cor preferida importa!	20/03/2018	906
	O mimimi do racismo reverso   Ana Paula Xongani e Lili Schwarcz	04/12/2018	903
	Colorismo – Rodrigo Branco e seu racismo seletivo	01/04/2020	663

Fonte: Tabela gerada com informações extraídas do YouTube<sup>2</sup> e formatada pela autora.

## YouTube, comunidades virtuais e empoderamento da mulher negra

Pietrobruno (2013) concebe o YouTube como um arquivo participativo e interativo que permite aos usuários adicionar conteúdo aos gêneros estabelecidos, abrindo espaço para vozes populares emergirem entre os conteúdos controlados centralmente. Dentro do YouTube, esses gêneros representam verdadeiras comunidades virtuais, como descreve Lévy, onde tais comunidades são formadas por canais similares, unidos por “afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos, em um processo mútuo de cooperação e troca” (Lévy, 1999, p.127).

A expressão “comunidade virtual” foi popularizada por Howard Rheingold em sua obra original, *“The Virtual Community”*. Rheingold (1996) entende que essas comunidades surgiriam quando debates públicos fossem mantidos por tempo suficiente, envolvendo sentimentos humanos genuínos para formar redes de relações pessoais no ciberespaço.

Já para Castells (2003), as comunidades nas redes sociais tendem a formar-se e dissolver-se com base na relevância dos temas discutidos e na influência dos discursos. Isso torna a interação entre os membros dinâmica e eficaz enquanto estão engajados em uma causa específica, interesse ou luta. Apesar de normalmente não se estenderem para interações físicas, as comunidades virtuais representam subjetividades e interesses coletivos.

Castells (2005) reforça que a sociedade em rede é caracterizada por indivíduos que incorporam tecnologias em suas vidas, conectando a realidade virtual com a realidade física, vivendo em múltiplas formas de comunicação tecnológica conforme suas necessidades.

O YouTube, por meio de suas comunidades, oferece inclusão acessível a indivíduos frequentemente silenciados, estigmatizados e marginalizados pela mídia tradicional hegemônica, no entanto, é importante destacar que apesar dos avanços na democratização da informação, as plataformas de redes sociais são objeto de significativas críticas.

A disseminação de desinformação emergiu como uma preocupação crescente, evidenciada pela propensão das notícias falsas em superar as informações precisas em termos de alcance e velocidade de propagação, as redes sociais forneceram um ambiente propício tanto para a disseminação acelerada de informações quanto para a proliferação da desinformação (Wardle & Derakshan, 2017).

Além disso, o modelo de negócios característico do capitalismo de plataforma suscita preocupações quanto à centralização do poder e da influência em um número reduzido de corporações. Zuboff (2019) sustenta que tais corporações frequentemente exploram os dados dos usuários para a obtenção de lucro, minando, assim, a privacidade e a autonomia dos indivíduos.

Em complemento, o fenômeno do amadorismo na criação de conteúdo assume proporções significativas, com a possibilidade de disseminação de informações imprecisas ou de qualidade inferior, minando, desse modo, a credibilidade das plataformas (Keen, 2009).

As mulheres negras, objeto desta análise, constituem um grupo estigmatizado pela

<sup>2</sup> Gabi Oliveira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@GabiDePretas>> Acesso em: 10 de set. de 2023; Ana Paula Xongani. Disponível em: <<http://tinyurl.com/52vzyt93>>. Acesso em: 10 de set. de 2023; Nátaly Neri. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@NatalyNeri>>. Acesso em: 10 de set. de 2023.

sociedade, vítima de racismo e sexismo. Logo, como este trabalho propõe, as comunidades virtuais são microcosmos de identidade e de luta contra hegemônica para essas mulheres.

Para explicar como o empoderamento da mulher negra pode ajudar a reverter o estigma que lhe aflige, Collins (2016) evoca os conceitos de “autoavaliação” e “autodefinição”. Segundo a autora, a autodefinição refere-se ao processo pelo qual as mulheres negras desafiam ativamente a validação do conhecimento político que cria e perpetua imagens estereotipadas delas, imagens essas criadas por fontes externas, que muitas vezes não refletem sua verdadeira identidade e experiência. É uma ação de rejeitar ou questionar as definições impostas por outros sobre o que significa ser uma mulher negra.

Por outro lado, ainda de acordo com o entendimento de Collins (2016), a autoavaliação destaca a importância do conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras. Isso significa que as mulheres negras buscam construir suas próprias definições, destacando suas experiências autênticas e reais, substituindo as imagens criadas externamente por imagens que são mais verdadeiras e representativas da diversidade e da complexidade de suas vidas e identidades.

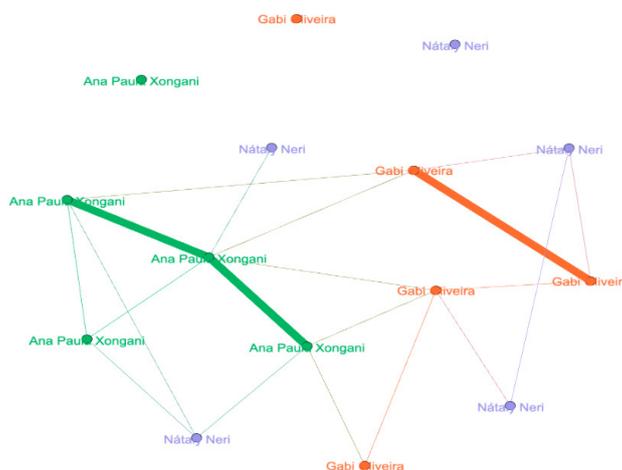
Esses conceitos apontam para um movimento de empoderamento e autonomia, onde as mulheres negras buscam controlar suas próprias narrativas, desafiando estereótipos impostos pela sociedade e redefinindo sua própria identidade, baseada em suas próprias percepções, não nas definições preconcebidas e limitantes que são atribuídas a elas por outros.

## As interações entre os canais

O grafo da rede gerado (fig.1) contém quinze nós e vinte arestas, com o atributo de nomenclatura de nós e atributo de cores para os três canais: roxo para Nátaly Neri, verde para Gabi Oliveira e laranja para Ana Paula Xongani. Os nós representam os vídeos que deram origem ao estudo e as arestas são as conexões de co-comentários entre eles.

O grafo foi modulado com o algoritmo *Fruchterman-Reingold*, pois busca posicionar os nós de forma que eles estejam distribuídos de maneira equilibrada e que as conexões entre eles sejam claramente visíveis, facilitando a compreensão da estrutura e das relações presentes no grafo (Cherven, 2015).

**Figura 1.** Grafo de interações entre os vídeos



**Fonte:** grafo de interações gerado com informações extraídas do YouTube<sup>3</sup> e modulado pela autora.

3 Gabi Oliveira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@GabiDePretas>> Acesso em: 10 de set. de 2023; Ana Paula Xongani. Disponível em: <<http://tinyurl.com/52vyzt93>>. Acesso em: 10 de set. de 2023; Nátaly Neri. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@NatalyNeri>>. Acesso em: 10 de set. de 2023.

Já a tabela a seguir demonstra qual o peso (intensidade/quantidade de comentários), origem e destino dos comentários dos usuários das comunidades:

**Tabela 2.** Trajetos dos comentários

Peso	Origem do comentário	Destino do comentário
1.0	Vamos falar sobre Livia Zatury? – Gabi Oliveira	Respondendo Haters – Gabi Oliveira
1.0	Vamos falar sobre Livia Zatury? – Gabi Oliveira	Colorismo – Rodrigo Branco e seu racismo seletivo – Ana Paula Xongani
1.0	Tour Pelo Meu Rosto – Gabi Oliveira	Respondendo Haters – Gabi Oliveira
1.0	Tour Pelo Meu Rosto – Gabi Oliveira	Apropriação cultural existe? Pode branca de turbante? – Nátaly Neri
1.0	Respondendo Haters – Gabi Oliveira	Uma semana sem make e cabelo natural: um experimento – Nátaly Neri
1.0	Respondendo Haters – Gabi Oliveira	O mimimi do racismo reverso   Ana Paula Xongani e Lili Schwarcz
1.0	Respondendo Haters – Gabi Oliveira	Colorismo – Rodrigo Branco e seu racismo seletivo – Ana Paula Xongani
1.0	Cabelo 4c igual bombril e responsabilidade – Gabi Oliveira	Apropriação cultural existe? Pode branca de turbante? – Nátaly Neri
1.0	Cabelo 4c igual bombril e responsabilidade – Gabi Oliveira	Eu tenho pressa – Ana Paula Xongani
1.0	Cabelo 4c igual bombril e responsabilidade – Gabi Oliveira	O mimimi do racismo reverso   Ana Paula Xongani e Lili Schwarcz
1.0	Apropriação cultural existe? Pode branca de turbante? – Nátaly Neri	Uma semana sem make e cabelo natural: um experimento – Nátaly Neri
1.0	#EleNão Didaticamente – Nátaly Neri	Eu tenho pressa – Ana Paula Xongani
1.0	#EleNão Didaticamente – Nátaly Neri	Minha cor preferida importa! – Ana Paula Xongani
1.0	#EleNão Didaticamente – Nátaly Neri	Colorismo – Rodrigo Branco e seu racismo seletivo – Ana Paula Xongani
1.0	Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra – Nátaly Neri	O mimimi do racismo reverso   Ana Paula Xongani e Lili Schwarcz
1.0	Eu tenho pressa – Ana Paula Xongani	Minha cor preferida importa! – Ana Paula Xongani
1.0	Minha cor preferida importa! – Ana Paula Xongani	O mimimi do racismo reverso   Ana Paula Xongani e Lili Schwarcz

2.0	Tour Pelo Meu Rosto – Gabi Oliveira	Cabelo 4c igual bombрил e responsabilidade – Gabi Oliveira
2.0	Eu tenho pressa – Ana Paula Xongani	O mimimi do racismo reverso   Ana Paula Xongani e Lili Schwarcz
2.0	O mimimi do racismo reverso   Ana Paula Xongani e Lili Schwarcz	Colorismo – Rodrigo Branco e seu racismo seletivo – Ana Paula Xongani

**Fonte:** Tabela gerada com informações extraídas do YouTube<sup>4</sup> e formatada pela autora.

É possível perceber, pelo grafo da figura 1, que as interações entre os canais traçam rotas distintas e formam *clusters*, que “são grupos que se formam a partir de nós muito conectados. Em termos de redes sociais, os clusters são considerados grupos sociais coesos. Eles são unidos a outros grupos através de laços individuais de seus membros.” (Recuero, 2005, p.4).

Há dois *clusters* bem definidos pela intensidade dos laços estabelecidos: a comunidade do canal “Ana Paula Xongani” e a comunidade do canal “Gabi Oliveira”. As interações dentro desses *clusters*, segundo a tabela 2 são de peso 2.0, ou seja, o número de co-comentários é significativo, a notar também pela espessura das arestas do grafo (fig. 1) que formam os *clusters*.

Já o canal “Nátaly Neri” não forma um *cluster*, mas assim como ocorre com as demais comunidades, há comentários de usuários em todos os vídeos dos demais canais.

Apenas um vídeo de cada canal não recebeu co-comentários: “Negro ou preto” de Gabi Oliveira, “ASMR – Meditação com óleos essenciais” de Nátaly Neri e “Barbies Negras quem nunca sonhou?!” de Ana Paula Xongani. Por isso, esses três vídeos aparecem orbitando fora do grafo, sem conexões (fig. 1).

Os dados colhidos e analisados denotam que os três canais liderados por mulheres negras formam comunidades virtuais que se interconectam, ou seja, os usuários interagem com o conteúdo produzido por todas. Também se depreende da análise do grafo que nem todos os vídeos apresentaram comentários de usuários em comum, mas isso não quer dizer que eles não tenham assistido, curtido ou compartilhado os vídeos.

As conexões entre as comunidades reforçam a importância que o ciberespaço representa na luta contra-hegemônica que as mulheres negras têm que travar diariamente, destacando também que a autoavaliação e autodefinição, conforme prescreve Collins (2016), podem ocorrer nos ambientes seguros e dinâmicos das comunidades virtuais, vez que essas mulheres produzem conteúdo baseado em suas subjetividades e o compartilham em espaços digitais estruturados, buscando reconhecimento social.

Nesse contexto, em contraposição ao entendimento de Castells (2003) sobre a efemeridade das comunidades virtuais, os laços sociais identificados revelam que os usuários do YouTube que interagem com esses três canais construíram uma comunidade coesa, sólida e duradoura, focada em questões da subjetividade negra e que persiste por anos de conteúdo publicado, sendo que o vídeo mais antigo é de 2016 e o mais recente, considerando a última investigação feita na pesquisa, é de 2020.

Outrossim, a compreensão de Castells (2013) sobre compartilhamento é relevante: os protocolos de comunicação não se baseiam mais apenas na ideia de compartilhar uma cultura, mas sim em uma cultura de compartilhamento. Isso evidencia que a audiência, de forma inédita, está envolvida no processo de mudança cultural, desafiando a antiga dependência histórica dos meios de comunicação durante a Era das comunicações de massa (Ibid. p. 183). Essa mudança de paradigma representa um desafio significativo para a antiga dependência dos meios de comunicação durante a Era das Comunicações de Massa.

Anteriormente, os meios de comunicação de massa exerciam um controle considerável sobre a produção e disseminação da cultura, moldando as percepções e valores da sociedade de acordo com suas próprias agendas e interesses.

4 Gabi Oliveira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@GabiDePretas>> Acesso em: 10 de set. de 2023; Ana Paula Xongani. Disponível em: <<http://tinyurl.com/52vzt93>>. Acesso em: 10 de set. de 2023; Nátaly Neri. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@NatalyNeri>>. Acesso em: 10 de set. de 2023.

No entanto, com a ascensão da cultura de compartilhamento, as barreiras tradicionais entre produtores e consumidores de conteúdo foram dissolvidas. As plataformas digitais permitem que qualquer pessoa com acesso à internet compartilhe suas próprias experiências, perspectivas e criações culturais com uma audiência global. Isso resulta em uma diversidade de vozes e narrativas que desafiam as narrativas dominantes promovidas pelos meios de comunicação de massa.

## Considerações finais

Com o intuito de investigar se usuários de canais de *youtubers* negras se interconectam no YouTube por meio de comentários, este estudo lançou mão da Análise de Redes Sociais e das teorias de Lévy, Collins, Castells e Rheingold.

A pesquisa sobre essas interações de co-comentários entre os canais revelou uma rede complexa de conexões, destacando a formação de comunidades interligadas. A análise do grafo de interações evidenciou que os canais de “Ana Paula Xongani” e “Gabi Oliveira” formam *clusters* coesos, enquanto o canal de “Nátaly Neri” mantém conexões abertas com os demais canais, indicando uma interação mais fluida entre as comunidades. Não obstante, todos os canais revelaram conexões entre si e apenas um vídeo de cada canal não obteve co-comentários. Apesar dessas constatações, a pesquisa encontra limitação por não conseguir detectar se os usuários assistiram aos vídeos sem conexões com os demais, ou se engajaram/interagiram com eles de outras formas.

Contrapondo a ideia de efemeridade das comunidades virtuais, a persistência das interações entre esses usuários inseridos nessas comunidades ao longo dos anos desafia essa concepção, revelando uma comunidade consistente e duradoura, focada nas experiências da subjetividade negra e na cultura do compartilhamento.

Esses achados mostram não apenas a importância do ciberespaço como um campo de resistência e empoderamento para mulheres negras, mas também evidenciam a capacidade delas em compartilhar suas narrativas e buscar autodefinição em ambientes digitais estruturados.

A análise do grafo modulado verificou que a rede de vídeos selecionados se conecta por meio de interesses em comum (Lévy, 1999). Isso evidencia o amadurecimento dos universos virtuais, onde a abundância de conteúdo gerado possibilita a identificação das comunidades e o mapeamento preciso de suas relações.

A análise dessas interações ofereceu uma compreensão detalhada das dinâmicas dos canais liderados por mulheres negras no YouTube, ressaltando não apenas sua resiliência, expressão e empoderamento em ambientes digitais, mas também sua habilidade em construir comunidades coesas e engajadas.

As interações desses grupos de mulheres negras ainda não podem ser consideradas meio absoluto de mudança social, mas constituem um arcabouço identitário arquivado e compartilhável. No entanto, diante da análise realizada, é inegável a relevância das comunidades virtuais lideradas por mulheres negras no YouTube como espaços de resistência e empoderamento. Seguindo os preceitos de Collins (2016), esses espaços proporcionam um ambiente seguro e dinâmico para que as mulheres negras possam se autoavaliar e se auto definir, compartilhando conteúdos que refletem suas subjetividades e experiências.

Por fim, há ainda muito o que se descobrir sobre o porquê e como os usuários participam e consomem informação em diferentes locais na web. A concepção de sistemas sociais e técnicos para promover o engajamento em termos de participação máxima do usuário é um desafio teórico e concreto que tanto pesquisadores, quanto empresas se esforçam para entender. Destaca-se que analisar a rede de comunidades virtuais que focam em temas identitários é particularmente valioso, pois pode oferecer visões detalhadas sobre como se caracterizam e o que consideram importante, sempre numa atmosfera de autonomia.

No entanto, reconhece-se que esses espaços não estão isentos de desafios. Ainda há a necessidade de enfrentar discursos de ódio, desinformação e o capitalismo de plataforma e manter espaços seguros para o diálogo e a expressão. Mesmo assim, as comunidades virtuais oferecem oportunidades significativas para que as mulheres negras reivindiquem sua voz e agência, promovendo uma mudança cultural substancial na esfera pública.

## Referências

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: Reflexões sobre Internet, negócios e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à política. *In*: CASTELLS, M.; CARDOSO, G (Orgs). **A sociedade em rede do conhecimento à Ação Política**. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional, 2005.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Tradução de Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

CHERVEN, Ken. **Mastering gephi getwork visualization**. Birmingham: Packt Publishing, 2015.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within\*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 99–127, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6081>. Acesso em: 12 set. 2023.

KEEN, Andrew. **O culto do amador**: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34 Letras, 1999.

PIETROBRUNO, Sheenagh. YouTube and the social archiving of intangible heritage, **New Media and Society**, vol. 15, nº 8, p. 1259–1276, 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**: considerações iniciais. Revista E-Compós, abr. 2005. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/28/29>. Acesso em: 23 set. 2023.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. BASTOS, M; ZAGO, G. **Análise de redes para a mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.

YOUTUBE. Gabi Oliveira. Disponível em: <https://www.youtube.com/@GabiDePretas> Acesso em: 10 de set. de 2023.

YOUTUBE. Ana Paula Xongani. Disponível em: <http://tinyurl.com/52vyzt93>. Acesso em: 10 de set. de 2023.

YOUTUBE Nátaly Neri. Disponível em: <https://www.youtube.com/@NatalyNeri>. Acesso em: 10 de set. de 2023.

YOUTUBE Barra de buscas. Disponível: <http://tinyurl.com/yhh9wecw> > Acesso em: 09 de set. de 2023.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe, 2017.

ZUBOFF, Shoshana. **The age of surveillance capitalism**: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power. Nova York: PublicAffairs, 2019.

Recebido em 25 de janeiro de 2024.  
Aceito em 21 de março de 2024.